

# A mulher intelectual portuguesa nos livros—no amor—e na vida

por Armando Martins

Aparece aqui e além nas avalanches de papel impresso que alagam o país, um ou outro nome de mulher.

E' pena que esta ousadia simpática das intelectuais portuguesas se encaminhe na produção de literaturas inúteis e pelintramente repetidas.

Todo o nosso trabalho literário é impregnado dum lirismo piegas e impotente. Os melhores trechos de prosa dos mestres nacionais são pedaços bem talhados de poesia lírica.

Esta abundância de lirismo é mais excessiva e mais chorona na literatura das nossas escritoras. Amélia Teixeira, Florbela, Oliva Guerra, Virginia Vitorino, não fazem mais que rimar em versos inúteis os seus devaneios ante líricos namorados.

A mulher portuguesa é amorosa como uma gata, mesmo quando é poetisa. Não compreende a dedicação e o interesse por qualquer convicção social; a sua ambição começa e acaba no homem, a sua grande felicidade é um belo longamente desejado.

Porisso, toda a nossa literatura feminina, é feita de sentimentalismos fáceis e ingénuos caracteres psicológicos, falta-lhe a paixão duma ideia ou dum triunfo social, a ânsia de afirmação duma personalidade.

Toda ela é uma entrega, a fêmea que se dá ao homem preferido, sincera, correcta, delicadamente. Toda ela é o passatempo ingénuo duma cômoda e exemplar dona de casa.

A escritora portuguesa não escreve para o público numa franca comunicação, numa ansiosa procura de entendimento humano, os seus livros destinam-se ao marido, e se fala ao público directamente é para lhe confessar como ela ama esse homem ideal e superior.

E' de esperar que a literatura feminina passe esta fase chata de carta de namoro para a dicção de tanta coisa virgem na alma rica da mulher, que até hoje só nos tem sido dada por interpretações falsificadas e não espontâneas de escritores machos.

Para isso é preciso que a escritora não creia o dogma de que o homem é superior à mulher (as figuras masculinas são nos romances das nossas escritoras superiores às femininas, dominam-nas como se fossem coelhas) mas sim um igual, um companheiro a lutar com ela pela mesma felicidade.

O que valem os livros de Aurora Aranha, Sara Beirão,

como experiência humana, como entrega de dados psicológicos, como alargamento de curiosidade e interesses colectivos? Que direcção e que vida abrem êles às raparigas simples que vivem a simples vida do livro? Elas saem dêles sem viverem mais do que um retrato do seu viver igual, sem se acrescentarem uma satisfação às suposições torturadamente imaginadas da vida revolta e vibrante que está para lá das pobres paredes da sua experiência socegada.

E' verdade que elas não encontram na literatura feita um modelo de mulher diferente daquela que copiam para os seus livros.

Garrett foi o único que viu para lá desta uniformidade, desenhando a mulher que se admira, a que se ama e a que se deseja; mas isto tam rápida e vagamente que não chegou a construir três tipos diferentes e distintos.

De resto a mulher admirada não é inventada por nenhum dos nossos escritores, porque neles é sempre a mulher que admira o homem.

Esta atitude inferior, na transposição literária, é a imagem da atitude real na vida: no amor, a mulher intelectual ama porque o seu homem é superior a ela em força ou em inteligência, é o objecto digno da sua admiração passiva e carinhosamente irracional. O seu amor, fala-se na generalidade, não contém rasgos atrevidos de renúncias ou de decisões difíceis, é dedicado, submisso abdicador de si próprio.

E' custoso dizê-lo, mas é verdade: no amor dos livros, no amor da vida a mulher intelectual é uma cosinheira rissonha.

A sua vida, como a da mulher mais boçal, forma-se dentro da casa familiar, dirigida pela mamã prática e burguesa com o único fim de a fazer para o casamento.

Sabe-se que a maior parte das mulheres com cursos superiores, depois de muitos anos de aprendizagem difícil e que poderia tornar-se utilíssima, nunca chega a exercer a profissão que aprendeu, porque casada, o marido não permite que ela cuide senão do arranjo do lar. E uma doutora, com a cabeça acumulada de livros e conhecimentos especializados, ignorante das habilidades domésticas que nunca aprendeu, não tem utilidade maior que uma sopeira trapalhona da provincia.

E então elas, algumas foram muito inteligentes, habituam-se a ser a sombra dos mari-

(Continua na página catorze)

# antologia

(TRADUÇÃO E SELECÇÃO DE CLÁUDIO REVEL)

A substância sólida do Universo material esta-se destacando continuamente em radiação intangível. O Sol, ontem, pesava mais 360.000 milhões de toneladas do que pesa hoje. A diferença é o peso da radiação emitida em vinte e quatro horas, a qual, pelo que nos deixa ver a observação directa, está destinada a viajar através do espaço até o final dos séculos. A mesma transformação do peso material em radiação está ocorrendo em todas as estrelas, e em menor grau na Terra, na qual átomos complexos como o urânio se estão continuamente transformando em átomos mais simples de chumbo e hélio, ficando radiação em liberdade durante o processo. No entanto, contra a diária perda de peso solar de 360.000 milhões de toneladas, a Terra, pelo mesmo motivo, só perde peso na proporção duns 40 quilos por dia.

**Processos cíclicos.**—E' natural perguntar se um estudo do Universo em conjunto mostra que tais processos são apenas parte dum ciclo, de modo que o desgaste cuja ocorrência constatamos no Sol e nas estrelas e também na Terra é compensado noutra parte qualquer. Se estamos sentados na margem dum rio e observamos a sua corrente, que de continuo transporta água para o mar, sabemos que essa água, por sua vez, se transforma em nuvens e em chuva que torna a encher o rio. O Universo físico, é um sistema cíclico parecido, ou será mais justo compará-lo a uma corrente que, não tendo material algum de restituição, deve cessar de fluir desde que se gasteu?

**Termodinâmica.**—O vasto principio científico conhecido como segunda lei da termodinâmica fornece a esta questão uma resposta em termos muito gerais. Se preguntamos qual será a causa fundamental dos diversos movimentos que vemos em redor do mundo, a resposta em todos os casos é: a energia, a energia química do combustível que propelle os nossos barcos, combóios e tranvias, ou do alimento, que mantêm o nosso corpo activo e é utilizado no esforço muscular; a energia mecânica do movimento da Terra, que é responsável pelas alterações do dia e da noite, do verão e do inverno, da prelamar e da balxa-mar; a energia calorífica do Sol, que faz medrar as nossas colheitas e nos dá o vento e a chuva.

A primeira lei da termodinâmica, que engloba o principio da «conservação da energia», preceitua que a energia é indestrutível; pode tomar várias formas, mas a sua quantidade total fica invariável através de todas as transformações, de modo que a energia total do Universo é sempre a mesma. Como a energia, que é a causa de toda a vida do Universo, é indestrutível, poderia pensar-se que esta vida continuaria eternamente sem diminuir em quantidade.

**Disponibilidade da energia.**—A segunda lei da termodinâmica exclue tal possibilidade. A energia é indestrutível no que respeita à quantidade, mas muda continuamente de forma e, genericamente falando, há direcções de transformação ascendente e descendente. E' a história corrente—a viagem descendente é fácil, enquanto a ascendente é difícil ou impossível. Consequentemente, numa direcção passa mais energia que na outra. Por exemplo: a luz e o calor são formas de energia, e um milhão de ergs de energia luminosa pode transformar-se num milhão de ergs de calor com a maior facilidade; façamos incidir a luz em qualquer superfície negra e fria, e a coisa está feita. Porém, a transformação inversa é impossível; um milhão de ergs, uma vez que tomou a forma de calor, nunca mais pode volver a tomar a forma dum milhão de ergs de luz. Este exemplo é um exemplo especial do principio geral que diz: a energia radiante tende sempre a converter-se em formas de maior comprimento de onda, nunca em formas de menor comprimento de onda. Por exemplo: a fluorescência, em geral, incrementa o comprimento da onda luminosa, transforma a luz azul em verde, amarela ou vermelha, mas não a luz vermelha em amarela, verde ou azul. Conhecem-se excepções ao principio geral, mas são de tipo especial, admitem explicações especiais, e não afectam o principio geral.

Podemos objectar-se que a acção diária de acender uma luz contradiz tudo isto. O calor solar não foi armazenado no carvão que queimamos, e não podemos produzir luz queimando carvão? A resposta é: a radiação solar é um

devoção dos ponteiros indefinidamente continuar a dar voltas.

**Fim do Universo.**—A energia não pode continuar ininterruptamente a degradação e, como a peça do relógio, deve finalmente chegar a deter-se. E assim o Universo não pode progredir indefinidamente; mais cedo ou mais tarde, há-de chegar o momento em que o seu último erg de energia atinge o mais baixo degrau na escada da disponibilidade descendente, e nesse momento deve cessar a vida activa do Universo. A energia lá está, mas perdeu toda a capacidade de transformação; é tão incapaz de fazer trabalhar o Universo como a água dum tanque de fazer girar uma turbina. Estamos a tratar com um Universo morto, inda que provavelmente quente, um «cadáver quente».

Os ensinamentos da termodinâmica moderna. Não há razão para duvidarmos dele ou rejeitá-lo, e realmente está tão bem confirmado pelo conjunto das nossas experiências terrestres, que é difícil ver que porta poderia estar aberta para o atacarmos. De facto destrói toda a possibilidade dum Universo cíclico no qual os sucessos que vemos sejam como o fluxo da água dos rios para o mar, enquanto os que não vemos restituem novamente a água aos rios. A água dos rios pode circular uma e outra vez desta maneira, precisamente porque não constitue o conjunto do Universo; algo estranho ao ciclo do rio o mantém continuamente em movimento; a saber o calor do Sol. Mas o Universo, como conjunto, não pode circular

de novo movimento cíclico, vem também confirmar aquilo, desde que se tenham em conta todos os factores pertinentes. Como o rio flue para o mar pelos desníveis e cascatas, a queda das suas águas gera calor, o qual por fim passa ao espaço em forma de calor radiante. Porém a energia que mantém o curso do rio, vem, em última estância, do Sol, principalmente em forma de luz; se se interceptasse a radiação solar, o curso do rio deter-se-ia imediatamente. O rio flue apenas por contraria transformação de energia luminosa em energia calorífica, e logo que o Sol deixe de fornecer energia de disponibilidade suficientemente alta o fluxo deve cessar.

O mesmo principio geral pode aplicar-se ao Universo astronómico. Aqui não existe o problema do modo como a energia se degrada. Em primeiro lugar, é libertada no interior quente duma estrela em forma de quanta de comprimento de onda extremamente curto e de energia excessivamente grande. Como esta energia radiante pugna por sair a superfície da estrela, continuamente se acomoda por si própria, por reiterada absorção e reemissão, à temperatura daquela parte da estrela por onde está passando. Como os grandes comprimentos de onda estão associados a baixas temperaturas o comprimento de onda da radiação vai-se alargando continuamente; uns poucos de quanta activos vão-se transformando em numerosos quanta frouxos. Uma vez livres no espaço propagam-se invariáveis até encontrarem particulas de pó, átomos per-

misto de luz e calor, e, realmente, de radiações de todos os comprimentos de onda. O que está armazenado no carvão é principalmente a luz solar e outras radiações de menor comprimento de onda. Quando queimamos carvão obtemos luz, mas não tanta como a que o Sol primitivamente colocou no carvão; também obtemos calor, e este em maior quantidade que a que foi colocada primitivamente. Resumindo: o resultado líquido de toda a transacção é que certa quantidade de luz se transformou em certa quantidade de calor.

devoção dos ponteiros indefinidamente continuar a dar voltas.

# F I M D O U N I V E R S O p o r J a m e s J e a n s